

estudos e pesquisas

Ano 3 – Nº 26 – novembro de 2006

Os negros nos mercados de trabalho metropolitanos



Os negros nos mercados de trabalho metropolitanos

Apresentação

A sociedade brasileira comemorará, no próximo 20 de novembro, 35 anos do Dia da Consciência Negra, data consagrada por representantes e lideranças do movimento negro brasileiro para homenagear Zumbi dos Palmares (1655-1695) e os ideais de liberdade que, simbolicamente, o líder negro representa.

A população negra, composta de pretos e pardos, tem uma presença marcante no Brasil, representando cerca de 45% da população brasileira – segundo os dados do Censo Demográfico 2000 do IBGE. No entanto, este segmento é alvo de grande discriminação.

No Brasil, durante parte do século XX, foi propagada a idéia de que a sociedade brasileira vivia uma situação de paraíso ou democracia racial, sem que nela fossem observados grandes conflitos raciais e discriminação¹ como aconteciam em outras nações. Esta concepção, embora confortável, não se efetivava na realidade. A falta de políticas para incorporação dos ex-escravos ao mercado de trabalho assalariado e a dificuldade de acesso aos serviços de educação e saúde colocaram esta população à margem dos progressos da sociedade brasileira, contribuindo para as origens da pobreza e da desigualdade enfrentadas pelos negros.

Os indicadores mostram a desigualdade e a discriminação vividas pelos negros no Brasil: maior proporção de negros entre os 10% das famílias de menor renda², menos anos de estudos em comparação com a população não-negra, maior taxa de mortalidade por assassinato. No mercado de trabalho, essa segregação se expressa com clareza através dos indicadores desfavoráveis de emprego, rendimento e qualidade da ocupação. O engajamento mais desfavorável no mercado de trabalho está relacionado com a baixa escolaridade dos negros, expresso pela dificuldade de acesso à educação e pela maior incidência da pobreza. Estes são fatores objetivos e que hierarquizam as diferenças naturais entre trabalhadores e, no caso do Brasil, colocam os negros em desvantagem em relação aos não-negros.

Tratar dessas questões é o propósito de dois estudos a serem divulgados pelo DIEESE no mês de novembro, a partir das informações coletadas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED, realizada pelo Convênio DIEESE/Seade/MTE-/FAT e parceiros regionais, nas Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo e no Distrito Federal. Os dados referem-se ao período de

¹Souza **apud** Freyre, 1933; Schmidt e Freyre, 1936.

²Dos 10% de famílias com menor renda, 70% são compostas de negros, segundo o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD - 2005.

agosto a julho dos anos analisados, por exemplo, em 2006, está relacionado à média do período de agosto de 2005 a julho de 2006.

Neste primeiro estudo, é apresentado um conjunto de indicadores da condição de inserção da população negra nos mercados de trabalho metropolitanos entre 1998 e 2006: evolução da participação, do desemprego e dos rendimentos em comparação aos dos não-negros, mostrando a dificuldade enfrentada pela população negra no mercado de trabalho.

O segundo, a ser divulgado na próxima semana, trará dados referentes a 2006 e pontuará os efeitos diferenciais de escolaridade sobre o desemprego, a ocupação e rendimentos dos afro-brasileiros na estrutura produtiva.

A inserção dos negros nos mercados metropolitanos de trabalho em 2006

Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego revelam que é bastante variada a proporção de negros na População em Idade Ativa, composta por pessoas com 10 anos ou mais de idade, entre as regiões metropolitanas pesquisadas. Na Região Metropolitana de Porto Alegre verificou-se a menor presença de negros (13,6%) e a maior foi apurada na Região Metropolitana de Salvador (87,0%). No total das regiões metropolitanas, a proporção de negros com 10 anos e mais foi de 46,6% e a de não-negros de 53,4% (Tabela 1).

TABELA 1
Estimativa da População em Idade Ativa (10 anos e mais) segundo a cor
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2006

Estimativas	População em Idade Ativa (em 1.000 pessoas)				
	Cor				
	Total	Negra	%	Não negra	%
Belo Horizonte	4.054	2.288	56,4	1.765	43,5
Distrito Federal	1.899	1.219	64,2	679	35,8
Porto Alegre	3.246	442	13,6	2.804	86,4
Recife	3.063	2.345	76,6	718	23,4
Salvador	2.854	2.483	87,0	372	13,0
São Paulo	15.922	5.683	35,7	10.238	64,3
Total das 6 Regiões Metropolitanas	31.038	14.460	46,6	16.576	53,4

Fonte: DIEESE/SEADE e entidades regionais – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Cor negra = pretos + pardos. Cor não-negra = brancos + amarelos

b) Os dados se referem ao período de agosto de 2005 a julho de 2006

Já as informações sobre a participação dos negros no mercado de trabalho e entre os desempregados evidenciam as dificuldades de inserção profissional enfrentadas por esse segmento populacional nas seis regiões metropolitanas analisadas. Para o conjunto das seis regiões, a proporção de negros na PEA é de 46,6%, enquanto no contingente de desempregados corresponde a mais da metade (55,3%). Com efeito, em todas elas, independentemente do peso da população negra no conjunto da população,

repete-se um mesmo padrão de inserção, segundo o qual a proporção de negros entre os desempregados é sempre superior à porcentagem de negros entre os ocupados e no conjunto da População Economicamente Ativa (PEA) (Tabela 2).

Assim, na Região Metropolitana de Porto Alegre, onde é menor a presença dos negros na população, eles representam 13,6% do mercado de trabalho (PEA), mas são 19,3% dos desempregados. No outro extremo, na Região Metropolitana de Salvador, enquanto os negros representam 87,0% da População Economicamente Ativa, sua participação se amplia para 90,3% entre os desempregados.

TABELA 2
Participação de negros e não-negros na População Economicamente Ativa,
no contingente de ocupados e desempregados
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2006

Regiões	(em %)					
	PEA		Ocupados		Desempregados	
	Negros	Não Negros	Negros	Não Negros	Negros	Não Negros
Belo Horizonte Distrito Federal	56,9	43,1	55,6	44,4	63,7	36,3
Porto Alegre	13,6	86,4	12,7	87,3	19,3	80,7
Recife	76,7	23,3	76,1	23,9	79,2	20,8
Salvador	87,0	13,0	86,0	14,0	90,3	9,7
São Paulo	36,2	63,8	34,7	65,3	43,8	56,2
Total das 6 regiões	46,6	53,4	44,7	55,3	55,3	44,7

Fonte: DIEESE/SEADE e entidades regionais – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs. a) Negros = pretos + pardos. Não-negros = brancos + amarelos.

b) Os dados se referem ao período de agosto de 2005 a julho de 2006.

De maneira geral, mais de um terço dos trabalhadores, nas seis regiões pesquisadas, encontra-se em situação vulnerável de ocupação. Em outras palavras, estes trabalhadores são assalariados sem carteira assinada, autônomos para o público, trabalhadores familiares não-remunerados ou empregados domésticos. A proporção do conjunto de trabalhadores em situações vulneráveis de ocupação é um importante indicador da baixa qualidade dos postos de trabalho (Tabela 3).

Os dados de 2006 reiteram que entre os trabalhadores negros é maior a proporção de ocupados em situações vulneráveis, que varia de 42,7% - em Salvador – a 33,5% - no Distrito Federal -. Já entre os não-negros, esses patamares se situam entre 33,7%, em Recife, e 25,6%, no Distrito Federal.

Para o contingente feminino ocupado é alta a proporção daquelas que se encontram nesta situação. No entanto, é significativamente maior a presença das negras em formas de inserção menos protegidas. Em Salvador, este percentual atinge, em 2006, 51,7 % das ocupações preenchidas por mulheres negras.

TABELA 3
Distribuição de negros e não-negros ocupados
em situação de trabalho vulnerável, por sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2006

(em %)

Regiões	Total	Cor e Sexo					
		Negra			Não-negra		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte	32,8	36,6	44,5	30,0	28,0	32,3	24,3
Distrito Federal	30,7	33,5	42,8	25,3	25,6	30,1	21,4
Porto Alegre	28,8	37,5	48,0	27,8	27,6	32,0	24,1
Recife	39,5	41,3	49,7	34,9	33,7	38,0	30,4
Salvador	40,5	42,7	51,7	35,1	27,1	30,3	24,4
São Paulo	33,3	39,7	49,3	31,6	29,9	34,9	25,9

Fonte: DIEESE/SEADE e entidades regionais – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

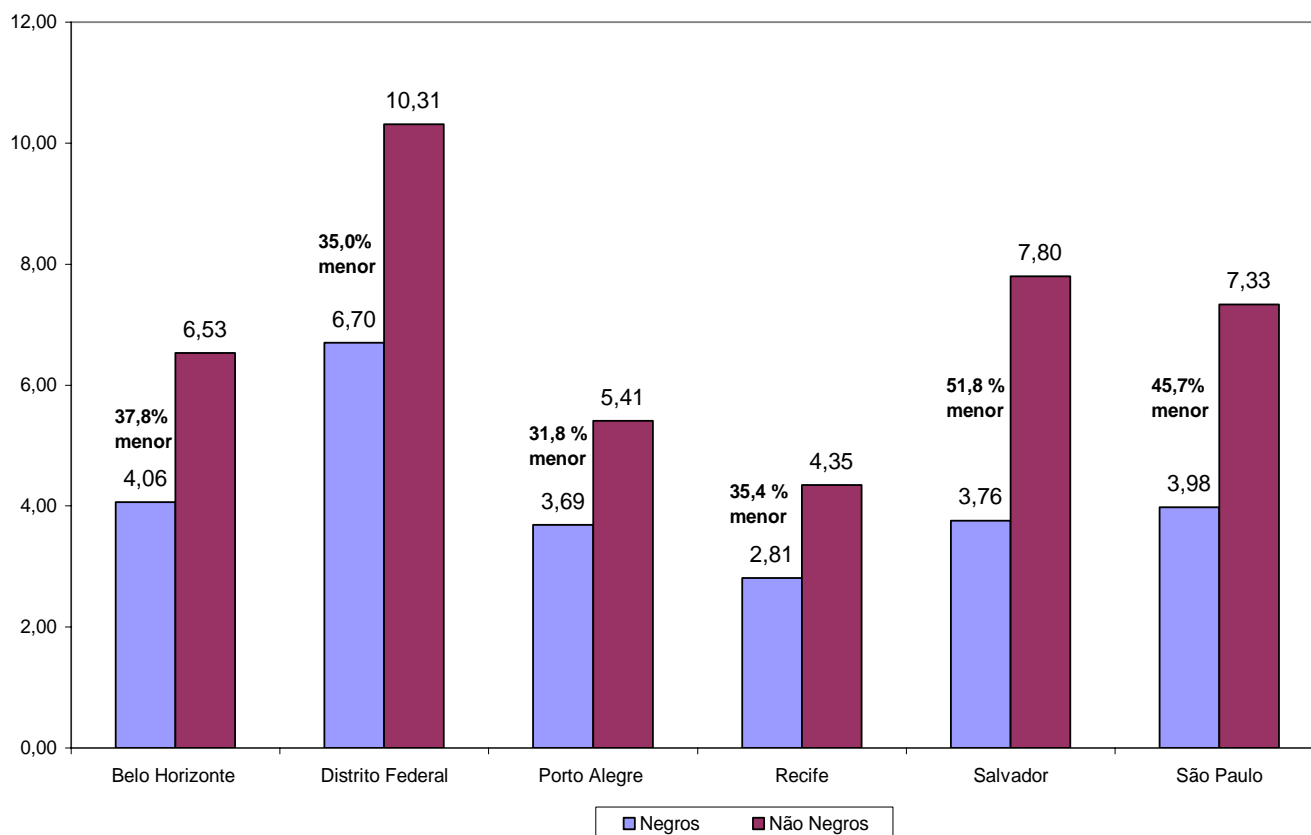
Obs. a) Negros = pretos + pardos. Não-negros = brancos + amarelos

b) Os dados se referem ao período de agosto de 2005 a julho de 2006

Além da maior dificuldade de inserção, a remuneração dos negros é, em todas as regiões, muito inferior a dos não-negros. Os ganhos por hora dos trabalhadores evidenciam mais a desigualdade por cor do que o rendimento mensal, pois sobre a menor remuneração mensal recebida pelos negros, incide uma jornada de trabalho maior. Em 2006, destacaram-se, nesse sentido, os casos das Regiões Metropolitanas de Salvador e de São Paulo, locais em que o rendimento médio real por hora pelos negros era, respectivamente, 51,8% e 45,7% menor que o dos não-negros. Neste ano, a melhor situação, no que diz respeito à desigualdade de rendimentos, foi identificada em Porto Alegre e no Distrito Federal, onde os ganhos da parcela negra eram 31,8% e 35,0% menores do que a dos não-negros, respectivamente (Gráfico 1).

GRÁFICO 1
Rendimento hora médio real de negros e não-negros
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 2006

(em R\$ de junho de 2006)



Fonte: DIEESE/SEADE e entidades regionais – Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

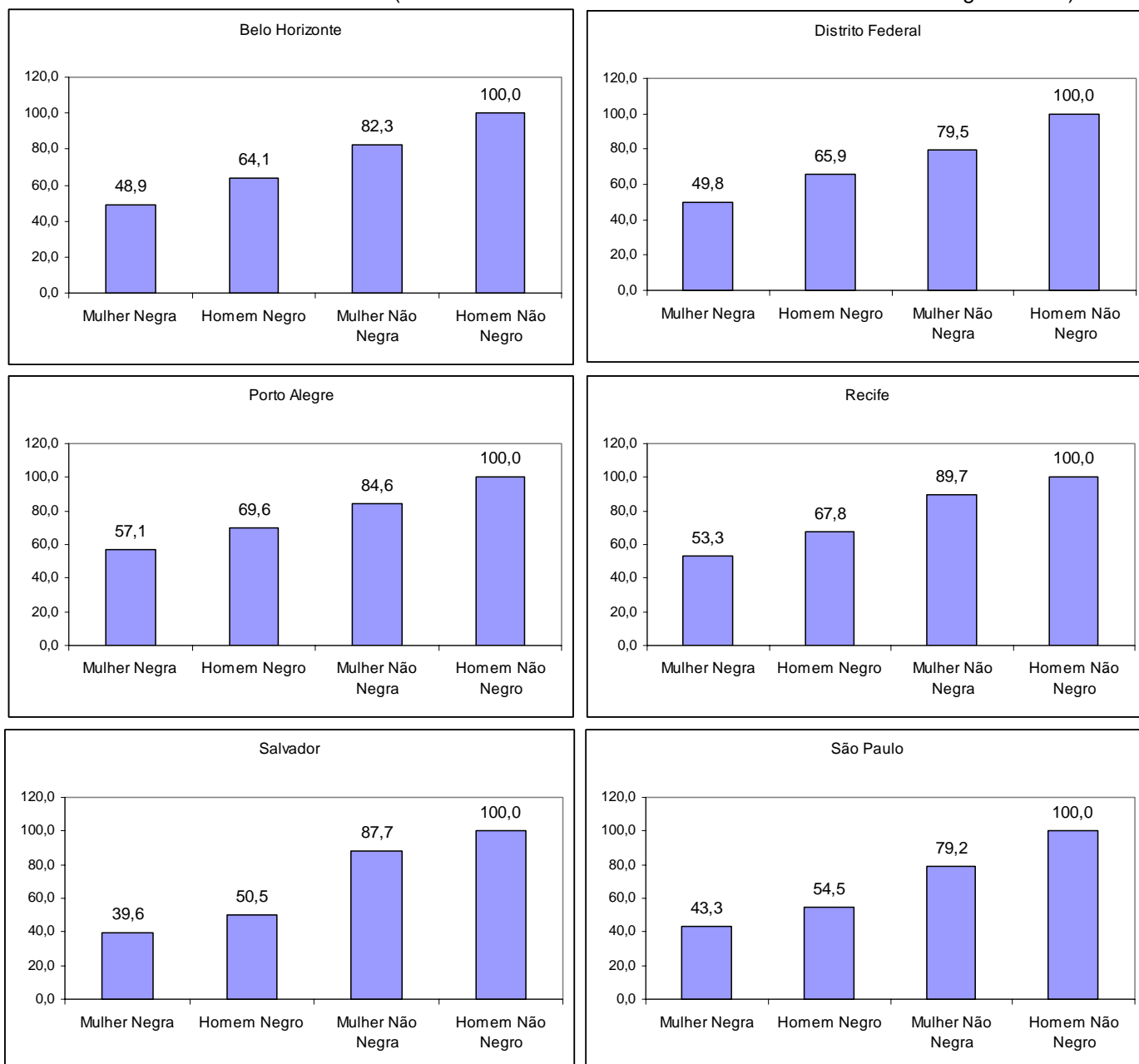
Obs. a) Negros = pretos + pardos. Não-negros = brancos + amarelos
 b) Os dados se referem ao período de agosto de 2005 a julho de 2006

Ainda, quando se considera a parcela populacional negra, o rendimento por hora das mulheres sempre é, em média, menor que o do homem em todas as regiões analisadas. Mas quando os rendimentos médios das mulheres negras são comparados aos dos homens não-negros, que estão no topo da escala dos ganhos do trabalho, a duplicidade de discriminações – de raça e de gênero – é evidenciada.

Em todas as regiões analisadas, o rendimento hora da mulher negra corresponde a não mais do que 57% do percebido pelos homens não-negros, como se verificou em Porto Alegre, em 2004. Na Região Metropolitana de Salvador, enquanto os homens não-negros recebiam, por hora, R\$ 8,24 em média, as negras recebiam R\$ 3,26, o que representava apenas 39,6% do rendimento médio por eles recebidos (Gráfico 2).

GRÁFICO 2
Índice do rendimento médio mensal por hora
dos negros e não-negros, segundo sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2006

(base rendimento hora médio mensal dos homens não-negros = 100)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED- Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs: a) Cor negra = pretos + pardos. Cor não-negra = brancos + amarelos

b) Inflatores utilizados: IPCA-BH/IPEA, INPC-DF-IBGE, IPC-IEPE/RS, INPC-RMR/IBGE/PE, IPC-SEI/BA, ICV-DIEESE/SP.

c) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício

d) Os dados se referem ao período de agosto de 2005 a julho de 2006

A inserção dos trabalhadores negros nos mercados de trabalho metropolitanos entre 1998 e 2006

A evolução dos dados da participação e do desemprego entre os anos de 1998 e 2006 indicou a dificuldade sistemática dos negros e não mostrou uma melhora significativa dos indicadores específicos para este segmento da população. Da mesma maneira que a proporção da população negra varia entre as regiões, também é diferenciada a trajetória da participação da população negra e do desemprego.

Nos espaços metropolitanos, verificou-se uma inserção relativa ligeiramente maior da população negra na População Economicamente Ativa (PEA), comparada à parcela não-negra e isto já constitui um traço estrutural. Esta característica é observada nas taxas de participação dos negros situadas acima dos 50,0%. Entre as regiões pesquisadas, em 2004, a maior taxa de participação dos afro-brasileiros registra-se no Distrito Federal (65,8%) e a menor, em Recife (50,8%).

Entre 1998 e 2006, cresceu a taxa de participação – isto é, a parcela da população maior de 10 anos que está no mercado de trabalho como ocupada ou desempregada – em cinco regiões pesquisadas, principalmente pela maior entrada feminina no mercado de trabalho. A exceção foi Recife, onde ocorreu redução das taxas de participação em quase todos os segmentos populacionais.

Comparativamente, o crescimento da participação da população não-negra foi maior em São Paulo, Salvador e Distrito Federal. Porto Alegre e Belo Horizonte foram as regiões onde a participação dos negros aumentou mais do que a de não-negros.

O exame das taxas de participação segundo cor e sexo mostra que, entre os homens, as inserções no mercado de trabalho de negros e não-negros são elevadas e apresentam patamares semelhantes. No segmento feminino, porém, as negras sempre apresentam maior inserção produtiva diante das não-negras.

Entre 1998 e 2006, em praticamente todas as regiões investigadas, registrou-se acentuado incremento das taxas de participação femininas, o que demonstra a continuação da tendência de gradual inserção das mulheres no mercado de trabalho, observada nos últimos anos. Entretanto, o aumento do ingresso das não-negras na força de trabalho superou relativamente o das negras, exceto na Região Metropolitana de Porto Alegre, local em que o incremento da taxa de participação foi semelhante entre negras e não-negras, de 11,7 % e 11,3%, respectivamente.

TABELA 4
Taxa de participação das populações negra e não-negra segundo sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998-2006

(em %)

Regiões e períodos	Total	Cor e Sexo					
		Negra			Não-negra		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte							
1998	58,0	59,1	49,0	69,7	56,9	46,6	68,8
2006	60,3	60,7	54,1	68,0	59,8	52,4	68,4
Varição 2006/1998	4,0	2,7	10,4	-2,4	5,1	12,4	-0,6
Distrito Federal							
1998	62,1	63,0	55,4	71,5	60,8	53,1	70,4
2006	65,1	65,8	60,2	72,1	64,0	57,9	71,6
Varição 2006/1998	4,8	4,4	8,7	0,8	5,3	9,0	1,7
Porto Alegre							
1998	55,0	53,9	46,0	63,2	55,2	43,5	68,1
2006	56,9	57,1	51,4	63,9	56,8	48,4	66,3
Varição 2006/1998	3,5	5,9	11,7	1,1	2,9	11,3	-2,6
Recife							
1998	53,3	53,8	43,2	65,5	52,6	42,3	65,6
2006	50,7	50,8	42,2	60,8	50,3	42,1	60,7
Varição 2006/1998	-4,9	-5,6	-2,3	-7,2	-4,4	-0,5	-7,5
Salvador							
1998	59,9	60,8	53,1	69,5	56,6	49,1	65,8
2006	61,0	61,1	54,8	68,2	60,9	53,9	69,1
Varição 2006/1998	1,8	0,5	3,2	-1,9	7,6	9,8	5,0
São Paulo							
1998	61,6	63,0	53,3	73,4	60,9	49,4	73,4
2006	63,1	64,0	57,7	71,0	62,6	54,2	72,1
Varição 2006/1998	2,4	1,6	8,3	-3,3	2,8	9,7	-1,8

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED- Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Obs: a) Cor negra = pretos + pardos. Cor não-negra = brancos + amarelos

b) Os dados se referem ao período de agosto de 1997 a julho de 1998 e de agosto de 2005 a julho de 2006

Quanto à taxa de desemprego, a análise dos dados mostra que, após um período de elevação nos quatro primeiros anos da atual década, nos últimos dois anos há uma tendência de redução. A desagregação das informações por cor e sexo, entretanto, evidencia que as taxas de desemprego são bastante diferentes para homens e mulheres e para negros e não-negros.

A taxa de desemprego dos negros como um todo é sempre bastante superior à do conjunto dos não-negros, assim como a taxa de desemprego das mulheres, em cada segmento, é sempre superior à dos homens. Em algumas regiões metropolitanas (Porto Alegre, Salvador e São Paulo), a taxa de desemprego dos homens negros é superior à taxa de desemprego das mulheres não-negras (Tabela 5).

TABELA 5
Taxa de desemprego das populações negras e não-negras, segundo sexo
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998-2004

(em %)

Regiões e períodos	Total	Cor e Sexo					
		Negra			Não-negra		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte							
1998	14,7	16,8	19,8	14,6	12,6	15,6	10,3
2006	15,1	16,9	20,3	14,0	12,7	15,5	10,3
Variação 2006/1998	2,7	0,6	2,5	-4,1	0,8	-0,6	0,0
Distrito Federal							
1998	19,4	20,8	22,6	19,2	17,1	20,4	14,1
2006	18,9	20,0	22,9	17,2	16,9	20,1	13,6
Variação 2006/1998	-2,6	-3,8	1,3	-10,4	-1,2	-1,5	-3,5
Porto Alegre							
1998	14,2	18,5	19,9	17,3	13,6	15,8	12,0
2006	14,6	20,7	22,8	18,7	13,6	16,2	11,5
Variação 2006/1998	2,8	11,9	14,6	8,1	0,0	2,5	-4,2
Recife							
1998	20,9	22,4	25,5	20,1	18,4	21,8	15,7
2006	21,4	22,1	25,0	19,7	19,3	23,2	15,8
Variação 2006/1998	2,4	-1,3	-2,0	-2,0	4,9	6,4	0,6
Salvador							
1998	23,5	24,9	26,9	23,1	17,5	20,2	15,0
2006	23,8	24,7	28,2	21,5	17,7	21,2	14,5
Variação 2006/1998	1,3	-0,8	4,8	-6,9	1,1	5,0	-3,3
São Paulo							
1998	17,7	22,2	24,2	20,6	15,6	18,5	13,4
2006	16,5	20,0	23,1	17,2	14,6	17,1	12,4
Variação 2006/1998	-6,8	-9,9	-4,5	-16,5	-6,4	-7,6	-7,5

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED- Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Obs: a) Cor negra = pretos + pardos. Cor não-negra = brancos + amarelos

b) Os dados se referem ao período de agosto de 1997 a julho de 1998 e de agosto de 2005 a julho de 2006

Verificou-se ainda que entre os extremos da desigualdade por cor e sexo, ou seja, entre a situação da mulher negra frente à do homem não-negro há uma enorme defasagem entre as taxas de desemprego, que chegam a quase o dobro para as mulheres negras de Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador.

Entre 1998 e 2006, o desemprego da mulher negra cresceu mais do que o dos demais segmentos, nas seguintes regiões: Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre e Salvador. Em São Paulo, verificou-se redução do desemprego para todos os segmentos analisados, porém a menor redução aconteceu para as mulheres negras.

Além do componente discriminatório – as mulheres negras são duplamente discriminadas –, pode-se dizer que, pela maior presença destas mulheres no emprego doméstico, a redução da renda das famílias verificada no período pode explicar a expansão do desemprego para este segmento.

Entre 1998 e 2006, o rendimento das mulheres negras aumentou em relação ao percebido pelos homens não-negros, exceto no Distrito Federal, onde passou de 50,5% em 1998 para 49,8%, em 2006. Apesar da diferenciação na remuneração recebida por estas mulheres em relação aos homens não-negros, o rendimento das mulheres negras cresceu mais, por exemplo, em Recife, onde as negras recebiam cerca de 40,4% do rendimento dos homens e em 2006, essa proporção se elevou para 53,3%.

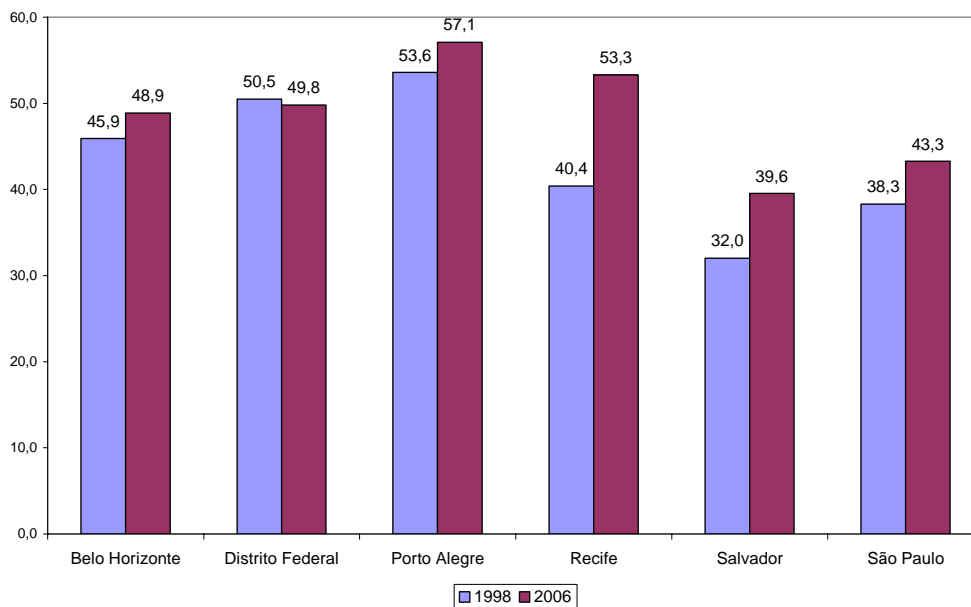
Esta alteração pode estar relacionada aos impactos positivos da política de salário mínimo nos menores salários e que serve de referência para a remuneração do trabalho doméstico, setor que engloba uma grande proporção destas mulheres (Gráfico 3).

Também para os homens negros, que também recebem baixos salários, a redução da diferença entre seus rendimentos e o dos homens não-negros aconteceu em todas as regiões, exceto no Distrito Federal, mas em magnitude inferior ao verificado para as mulheres negras.

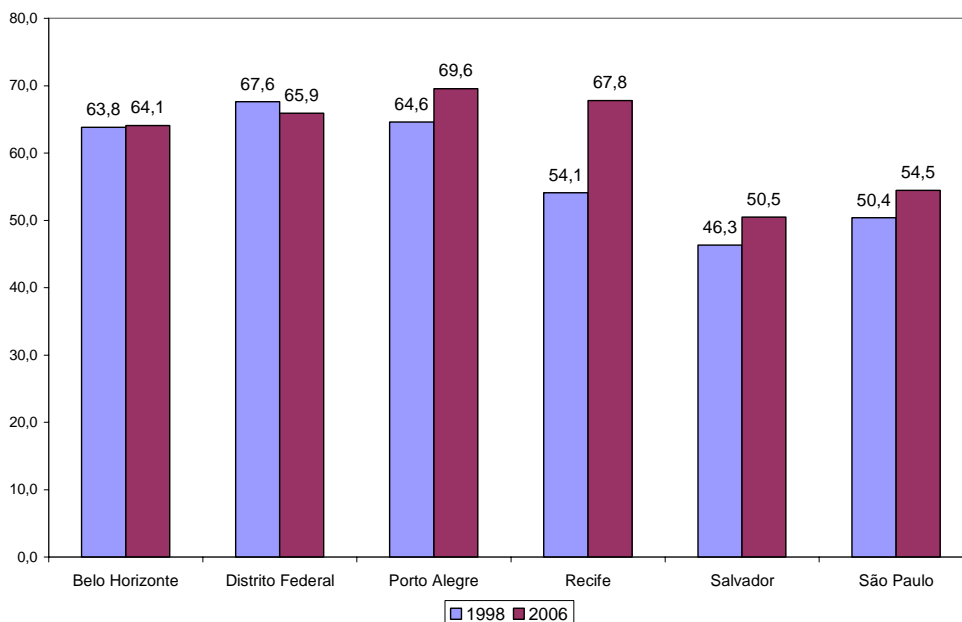
GRÁFICO 3
Proporção do rendimento médio real por hora da mulher e do homem negros em
relação ao rendimento do homem não-negro
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal – 1998-2006

(base rendimento hora médio mensal dos homens não-negros = 100)

Mulher negra



Homem Negro



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED-Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Cor negra = pretos + pardos. Cor não-negra = brancos + amarelos

b) Os dados se referem ao período de agosto de 1997 a julho de 1998 e de agosto de 2005 a julho de 2006

Considerações finais

A inserção dos negros nos mercados de trabalho metropolitanos se dá de forma mais precária do que a dos não-negros e a proporção de negros na situação de desemprego supera a porcentagem de negros na População Economicamente Ativa.

As taxas de desemprego dos negros são sempre superiores às dos não-negros e, em algumas regiões (Porto Alegre, Salvador e São Paulo), a taxa de desemprego dos homens negros é superior, inclusive, à taxa de desemprego das mulheres não-negras. Contudo, o desemprego das mulheres negras chega a ser quase duas vezes maior do que o desemprego dos homens não-negros.

Quando inseridos no mercado de trabalho, os negros estão em maior quantidade entre as pessoas ocupadas em situações de trabalho vulnerável do que os não-negros. Quase a metade das mulheres negras encontra-se nessa condição nas regiões metropolitanas de Salvador, Recife e São Paulo, devido a sua grande presença no serviço doméstico, atividade de baixa formalização na contratação.

A situação apresenta-se mais grave na comparação dos rendimentos das mulheres negras em relação ao dos homens não-negros: em Salvador, a mulher negra recebe o equivalente a 34% do rendimento recebido pelo homem não-negro e, na melhor situação, verificada na Região Metropolitana de Porto Alegre, o rendimento dela não passa de 49% do rendimento do homem não-negro.

A posição desfavorável dos negros no mercado de trabalho somente será modificada com a implementação de políticas de redução da pobreza, de campanhas de sensibilização acerca da existência da discriminação, de políticas afirmativas para esta população e, principalmente, pela garantia de acesso e pelo aumento da oferta de serviços públicos de qualidade, como a educação. Além de permitir uma melhor inserção no mercado de trabalho, a educação forma cidadãos que, cada vez mais, disputarão espaços públicos para defender seus interesses.

BIBLIOGRAFIA

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Racismo, pobreza e violência**, 2005.

SOUZA, Antônio. **Democracia racial**, 2001. Disponível em <http://www.lpp-erj.net/olped/documentos/ppcor/0231.pdf>

DIEESE

Direção Executiva

Carlos Andreu Ortiz – Presidente
STI. Metalúrgicas de São Paulo
João Vicente Silva Cayres – Vice-presidente
Sind. Metalúrgicos do ABC
Antonio Sabóia B. Junior – Secretário
SEE. Bancários de São Paulo
Carlos Eli Scopim – Diretor
STI. Metalúrgicas de Osasco
Alberto Soares da Silva – Diretor
STI. Energia Elétrica de Campinas
Zenaide Honório – Diretora
APEOESP
Pedro Celso Rosa – Diretor
STI. Metalúrgicas de Curitiba
Paulo de Tarso G. B. Costa – Diretor
Sind. Energia Elétrica da Bahia
Levi da Hora – Diretor
STI. Energia Elétrica de São Paulo
Carlos Donizeti França de Oliveira – Diretor
Femaco – FE em Asseio e Conservação
do Estado de São Paulo
Mara Luzia Feltes – Diretora
SEE. Assessoria Perícias e Porto Alegre
Célio Ferreira Malta – Diretor
STI. Metalúrgicas de Guarulhos
Eduardo Alves Pacheco – Diretor
CNTT/CUT

Direção técnica

Clemente Ganz Lúcio – diretor técnico
Nelson de C. Karam – coordenador técnico de relações sindicais
Ademir Figueiredo – coordenador de desenvolvimento e estudos

Equipe técnica responsável

Carlindo Rodrigues de Oliveira
Edgar Fusaro
Patrícia Lino Costa
Iara Heger (revisão)